

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ANTE-ESTREIAS  
3 de Novembro de 2020

CHECKPOINT BERLIN / 2020

*Um filme de Fabrizio Ferraro*

Realização, Argumento, Fotografia e Montagem: Fabrizio Ferraro / Cenários e Guarda-Roupa: Stefano Gaeta e Federica Formaggi / Com: Alessandro Carlini, Marcello Fagiani, Fabio Fusco, Marta Reggio, Marco Ciampani, Caterina Gueli, Freddy Paul Grunert.

Produção: Boudu – RAI Cinema / Cópia: DCP, cor e preto e branco, falada em italiano e alemão com legendas em inglês e electrónicas em português / Duração: 64 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Realizador desde 2006, Fabrizio Ferraro tem-se centrado no documentário e na ficção de temática histórica. O seu filme anterior a **Checkpoint Berlin**, e com o qual não é difícil adivinhar algumas continuidades, chamava-se **Les Unwanted de Europa** (“Os Indesejados da Europa”) e, tomando Walter Benjamim como personagem central, focava as travessias clandestinas dos Pirinéus que refugiados da Europa Central faziam, nos anos 30, para chegar aos portos de abrigo da Península Ibérica. **Checkpoint Berlin** é mais assumidamente um documentário, embora fragmentos ficcionais estejam presentes, no texto “off” e na imagem. Seja como for, e embora Ferraro convoque várias personagens – provavelmente de origem compósita entre ficção e realidade – a protagonista aqui é decididamente uma cidade, a actual capital Alemã, e a sua história a partir do momento em que se viu dividida pelo Muro.

O registo é meditativo e melancólico, mais do que aplicação convencional de qualquer pedagogia. Há muitas imagens de arquivo, em aspectos das quais o filme por vezes se concentra, como se nelas encontrasse uma espécie de “punctum” ou, mais simplesmente, um possível princípio de ficção – é o caso, por exemplo, daquelas imagens de berlinenses orientais vistos, na orla do muro, do lado ocidental, em que o filme se detém quase como se propiciasse uma espécie de zoom mental ao espectador, que aí está no ponto de vista do observador situado a Ocidente, olhando com estranheza (“antropológica”, dir-se-ia) aqueles vultos que se passeiam a poucas dezenas de metros do muro. Há leitmotivs – as caminhadas pela floresta, no que foram antigamente trilhos em roda do muro – que são alimentados por “personagens” cujas reflexões povoam a narração “off”, e que por norma convocam uma dimensão assombradamente nostálgica, como na recuperação de um passado impossível de recuperar ou mesmo de encontrar (em vários momentos lembramo-nos daquelas cenas dos **Himmel Uber Berlin** de Wenders que tinham Curt Bois no enorme descampado que dantes fora, e depois voltaria a ser, a Potsdamer Platz, incapaz de reconhecer o lugar por baixo das cicatrizes deixadas pela História). “Ver”, de resto, é um tema que percorre o filme, aliás sublinhado pelas imagens de um quadro de Guercino que Ferraro mostra mais do que uma vez, e que figura São Tomás, aquele que insistia em “ver para crer”. As figuras desenhadas por Ferraro habitam um clima semelhante face às enormidades da História e do destino da própria Berlim (cujas face contemporânea, de metrópole modernizada e “global”, é também evocada nalguns apontamentos), como se o desejo de cinema subjacente a **Checkpoint Berlin** fosse o de dar a ver para permitir crer. Faria, com trinta anos de diferença, um curioso “double bill” com o *Allemagne Neuf Zéro* de Godard.

Luís Miguel Oliveira